



ECONOMIA EM DIA



INFORMATIVO DE MACROECONOMIA E FINANÇAS PESSOAIS DA FUNDAÇÃO REAL GRANDEZA

INDICADORES

Poupança

(Rentabilidade em 12 meses = 8,37%)



Bolsa de Valores

(Rentabilidade em 12 meses = -8,13%)



Fundos de Investimento

Multimercado (Rentabilidade em 12 meses = 17,32%)



Renda Fixa

(Rentabilidade em 12 meses = 13,67%)



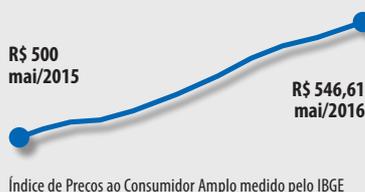
Variação IGP-DI

(Acumulado em 12 meses = 11,26%)



Variação IPCA

(Acumulado em 12 meses = 9,32%)



Stock

BREXIT¹: NOVOS DESAFIOS PARA OS INVESTIDORES

O referendo realizado no Reino Unido, que resultou na sua saída da União Européia, gerou, em um primeiro momento, grande volatilidade nos mercados mundiais e muitas incertezas quanto ao futuro da economia global. A vitória do "Brexit" no referendo se deu por 51,9% dos votos e não era esperada pelos mercados. Ainda há entre os investidores globais muita dúvida em relação ao ritmo de implementação, aos reais impactos da decisão e até mesmo sobre a possibilidade de realização de um novo referendo, o que poderia reverter a medida. A reação inicial do mercado foi um aumento da aversão ao risco: as bolsas globais sofreram fortes quedas, a libra esterlina e a moeda dos países emergentes se desvalorizaram em relação ao dólar e houve muita procura por títulos soberanos de países desenvolvidos, levando a uma queda das taxas de juros desses títulos, que já estavam negativas. É isso mesmo! O investidor compra um título soberano disposto a receber, no final, menos do que aplicou só para ter segurança. Em parte, este impacto inicial foi revertido, mas ainda há muita divergência de opinião sobre os efeitos do "Brexit". Os temores são muitos: recessão e aumento do desemprego no Reino Unido; interrupção do já fragilizado processo de recuperação da atividade econômica da União Européia; desaceleração da atividade econômica global; e saída de outros países do Bloco. Os mercados esperam que os bancos centrais (Fed, BOE, BCB, BOJ, dentre outros) adotem políticas de expansão da liquidez, o que na prática, significam taxas de juros mais baixas. Antes do "Brexit", os mercados projetavam um aumento da taxa de juros pelo Fed. Logo após o anúncio do resultado do referendo, os mercados passaram a considerar até mesmo uma chance de corte dos juros. Isso mostra que o "Brexit" mudou consideravelmente o cenário para os investimentos, impondo novos desafios para os investidores.

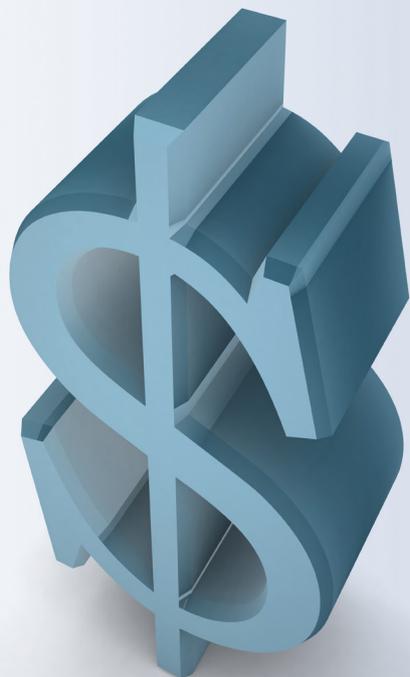
¹ Ver o quadro "Decifrando o Economês"

FIQUE DE OLHO



A vitória do "Brexit" no referendo se deu por 51,9% dos votos e não era esperada pelos mercados. Ainda há entre os investidores globais muita dúvida em relação ao ritmo de implementação, aos reais impactos da decisão e até mesmo sobre a possibilidade de realização de um novo referendo, o que poderia reverter a medida. (...) Os temores são muitos: recessão e aumento do desemprego no Reino Unido; interrupção do já fragilizado processo de recuperação da atividade econômica da União Européia; desaceleração da atividade econômica global e saída de outros países do Bloco.

DECIFRANDO O ECONOMÊS



Brexit - palavra criada para representar a abreviação de "Britain Exit", expressão inglesa que significa "Saída Britânica". O termo se refere à saída do Reino Unido da União Europeia (UE), aprovada em referendo popular.

Volatilidade - é uma variável que indica a intensidade e a movimentação do preço de um ativo em um determinado período.

Títulos Soberanos - são títulos públicos emitidos pelo tesouro nacional de uma nação, geralmente considerados o investimento mais seguro em um país.

Aversão ao risco - indica o grau de disposição dos agentes econômicos em assumir posições de risco. Se o grau de aversão ao risco aumenta, os agentes estão menos dispostos a ter posições em ativos considerados de risco mais alto.

Fed - O Sistema de Reserva Federal Americano, popularmente chamado Fed, é o sistema de bancos centrais dos Estados Unidos.

BOE - "Bank of England", ou Banco da Inglaterra, é o nome dado ao banco central do Reino Unido.

BCE - O Banco Central Europeu é o banco central dos 19 países da União Europeia que adotaram o euro como moeda.

BOJ - "Bank of Japan", ou banco do Japão, é o banco central japonês.



**TIRA
TEIMA**

Se a atividade econômica está tão fraca, porque a taxa de juros básica (Selic) ainda não caiu?

No Brasil, a diretriz da política monetária é a sistemática de metas para a inflação, segundo a qual as decisões sobre juros têm por objetivo cumprir a meta de inflação definida pelo Conselho Monetário Nacional. Como a inflação e também as expectativas quanto à inflação futura ainda estão acima da meta, não houve, até o momento, condições para se implementar um ciclo de redução dos juros. No entanto, já há sinais de que tanto a inflação corrente quanto as expectativas estão começando a andar em direção à meta. Se, nos próximos meses, esta tendência se confirmar, haverá espaço para que o Banco Central comece a reduzir a meta para a Taxa Selic, conforme a expectativa do mercado financeiro.

SEU DINHEIRO

Liquidações de artigos de inverno podem demorar um pouco mais para ocorrer

Com a onda de frio que tomou conta do Centro-Sul do país ao longo de junho, as tão esperadas liquidações de artigos de inverno podem demorar um pouco mais para ocorrer. Os estados das regiões Sul e Sudeste registraram, em junho, médias de temperaturas mais baixas que nos últimos 10 anos ou 15 anos.

Em meio a um cenário de queda da atividade econômica, a onda de frio trouxe alento para alguns setores da economia, sobretudo o de vestuário, de roupas de cama e de aquecedores domésticos, cujas vendas, em alguns estabelecimentos varejistas, em São Paulo, cresceram acima de 100%, em comparação a maio.

As vendas das coleções de outono/inverno dos principais varejistas do Centro-Sul do país apresentaram melhor desempenho que a da coleção de verão, compensando parte das perdas dos meses de abril e maio.

Meteorologistas estão prevendo que este inverno será mais rigoroso que o de anos anteriores. Porém, devido às características do clima tropical brasileiro, não é possível prever com exatidão se realmente ocorrerão novas ondas de frio nos meses de julho e agosto, capazes de continuar estimulando o consumo de produtos de inverno. Para aqueles que ainda não foram às compras, é prudente esperar as liquidações, ou períodos de descontos. Entretanto, se as temperaturas continuarem baixas, os descontos e liquidações dos grandes varejistas deverão ser adiados.

Para o consumidor, como sempre alertamos neste periódico, paciência e pesquisa são palavras-chave para evitar compras desnecessárias ou conseguir preços melhores, sobretudo em tempos de crise. Pense bem, caro leitor, se é realmente preciso comprar um novo edredon ou um abrigo de montanhista para se aquecer neste inverno.